

ESTÓRIAS OU HISTÓRIA DO SETE ORELHAS, DE BENEFREDO DE SOUSA

Rejany Carvalho Lemes

Benefredo de Sousa nasceu em Três Corações, no dia 02 de dezembro de 1902. Foi jornalista e fundador do semanário *O Três Corações*, junto a Jorge Avelar Neto. Em 1946, foi nomeado escrivão do crime. Da pesquisa nos livros e papéis do fórum local, nasceu seu interesse histórico pela cidade, do qual surgiram seus livros: *Na seara de Cristo* (1960), *Três Corações e sua comarca* (1960), *Datas e fatos da terra do Rio Verde* (1971), *Estórias... ou história do Sete Orelhas?!...* (1973), *Boiada vai, máquina vem* (1975), *Três Corações adentro* (1982), *Júnior, querido filho* (1985), *Como nos velhos tempos* (1987), *Subindo até Aparecida* (1989), *Atlético Futebol Clube* (1990) e *Meus Três Corações* (1991). Além dos livros, escreveu inúmeros contos, artigos e crônicas.

O objetivo deste trabalho é estudar e conhecer, através de seus textos, o passado social e cultural da comunidade tricordiana e refletir sobre as semelhanças e diferenças entre os textos históricos e literários que tratam desse tema. Foram utilizados seus livros, mais precisamente *Estórias... ou história do Sete Orelhas?!...*

A história do “Sete Orelhas” é um fato verídico que aconteceu entre os anos de 1760 e 1790. Iniciou-se com desentendimentos e diferenças entre a família Garcia Duarte e a família Silva, ambas chefiadas por fazendeiros da região entre Três Corações e São Bento Abade. Os membros da família Silva perdem uma demanda judicial para os Garcia Duarte e, não satisfeitos com a decisão, juram vingança. Amarram João Garcia Duarte, um dos três filhos dos Garcia Duarte, em uma figueira e tiram toda a sua pele, da cabeça aos pés. Januário, o filho mais velho dos Garcia Duarte sai à procura do irmão e não consegue acreditar no quadro de morte com que se depara. Jura, então, vingança e começa uma longa procura pelos sete assassinos de seu irmão. Ao encontrá-los e matá-los, Januário cortava-lhes uma das orelhas e com elas confeccionou um colar, como se fosse um troféu. Regressando à cena do crime, anos depois, deposita o colar na figueira onde aconteceu o assassinato de seu irmão.

No livro *Estórias... ou história do Sete Orelhas?!...*, Benefredo de Sousa busca reconstruir esses fatos, tentando mostrar o que realmente aconteceu e dar acesso à verdade do passado. Podemos dizer, então, que se trata de um texto histórico tradicional.

Sabemos que a história constitui-se como um processo no qual se estudam as realizações humanas do passado, bem como a maneira pela qual os homens se organizaram e pensaram. Segundo Marc Bloch, a história se define como a “ciência dos homens no tempo”. Na sua forma

tradicional, a ciência histórica baseia-se em dois elementos: a objetividade e o uso de documentos como fonte de pesquisa e garantia de verdade.

Quando a história recebeu o estatuto de ciência, o que se deu com a escola positivista em fins do século XIX, o registro privilegiado pelo historiador era o documento escrito, sobretudo o oficial. Esse documento assumia o peso de prova histórica e a objetividade era garantida pela fidelidade do mesmo. (VIEIRA, 1989, 13)

O apoio nos documentos como prova de verdade e a objetividade são, então, as principais características do texto histórico tradicional, de origem positivista. Como objetividade podemos entender a tentativa de ser completamente fiel ao objeto de estudo e evitar interferências das opiniões e pontos de vista do historiador.

Nossa hipótese neste estudo é que Benefredo de Sousa trabalhou com este conceito tradicional de história. Já no título do livro, *Estórias... ou história do Sete Orelhas?!...*, ele nos mostra uma crença na possibilidade de fazer um relato verdadeiro dos fatos. No prefácio do livro, comparando Januário Garcia Duarte ao famoso personagem de Cervantes, ele volta a afirmar essa crença: “Procurei deixar de lado as opiniões sobre as aventuras de D. Quixote”. E, mais à frente, ele transcreve uma frase do famoso crítico literário Sílvio Romero: “Não contesto aos brasileiros o direito de fantasiar heróis e encher de semi-deuses o céu de sua história; se lhes apraz criar uma mitologia política, criem-na”. (SOUSA, 1973, 1-2)

Ainda no prefácio do livro, Benefredo também faz uma crítica aos outros relatos da história do Sete Orelhas, porque são muito interpretativos, não obedecendo ao preceito da objetividade: “Vou em frente, não crendo ou descrendo do que já foi escrito. Não subscrevo as loas de Drammor, nem o romantismo piegas de J. T. Meireles, nem as críticas acerbas e os qualificativos causticantes de Gustavo Barroso a Januário Garcia.” (SOUSA, 1973, 1)

Ao longo do livro, o autor faz menções detalhadas aos lugares em que aconteceu a história, para dar veracidade ao relato:

Desejo, isso sim, é situar bem os fatos nos locais próprios, no palco dos acontecimentos. Quem lê hoje um livrinho escrito naquele tempo não pode identificar os lugares, fazendas, estradas, povoações – relativamente à sua posição geográfica atual, por falta de elementos que tais. É assim uma lacuna a preencher. (SOUSA, 1973, 2)

Além disso, Benefredo propõe uma discussão sobre o tempo correto em que a história ocorreu: “Segundo se conclui dos vários autores que estudaram os fatos e escreveram sobre Januário Garcia, ou Januário Garcia Duarte, ‘o Sete Orelhas’, todos os acontecimentos (...) foram decorridos, e supomos, de 1760 a 1790.” (SOUSA, 1973, 9)

Conclui-se, assim, que é correta a suposição de que Benefredo de Sousa trabalhou, em seu livro sobre a história do Sete Orelhas, com o conceito tradicional de história, buscando um relato supostamente verdadeiro e não interpretativo dos fatos. Hoje, no entanto, muitos estudiosos acham

que isso não é possível, pois acreditam que qualquer relato contém, necessariamente, um pouco de interpretação e subjetividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. *A pesquisa em História*. São Paulo: Ática, 1989.

SOUSA, Benefredo. *Estórias... ou História do Sete Orelhas?! Três Corações*: Gráfica São José, 1973.